


Ana Beatriz Nogueira estreia peça e cita trabalho no palco como cura: 'Tenho folgafobia'

 globo.globo.com/cultura/teatro/noticia/2023/08/03/ana-beatriz-nogueira-estrela-peca-e-cita-trabalho-no-palco-como-cura-tenho-folgafobia.ghtml

Ana Beatriz Nogueira não quer saber de muito descanso. Enquanto fala com empolgação sobre o espetáculo “Sra. Klein” — que estreia nesta quinta-feira (3), no Teatro Prudential, na Glória, na Zona Sul do Rio, após elogiada temporada em São Paulo —, a atriz enumera, com a mesma animação, os próximos trabalhos que já mantém à vista. Vêm aí um monólogo inédito, com texto de Gustavo Pinheiro, ainda neste semestre; uma novela na TV Globo, com preparação prevista para o início de 2024; e o relançamento de “Todas as flores”, folhetim do Globoplay e de autoria de João Emanuel Carneiro que chega à televisão aberta em setembro.

- **Entrevista:** Maitê Proença se abre sobre descobertas sexuais, menopausa interrompida e vida de avó: 'Corpo disponível'
- **Prodígio:** De ouvido absoluto a patrocinador anônimo, o pianista brasileiro aprovado, aos 15 anos, no Conservatório de Moscou

— Tenho um pouco de “folgafobia”. Funciono assim. E não é porque paro e falo: “Vou agora pensar num novo trabalho”. Na verdade, sempre penso nisso. Enquanto estou na roda, vou sendo inspirada pelos colegas, pelo público... E aí dá vontade de fazer mais — diz. — Parar não é uma opção para mim. Amigos que não são atores costumam me dizer: “Você está trabalhando muito e precisa se distrair”. Daí respondo: “Estou me divertindo horrores”. É difícil explicar que, depois de fazer a sessão de uma peça, não preciso me divertir mais. A arte é curativa. Ela me acorda! Talento é uma coisa que me desconcerta mais do que viver um grande amor, pode ter certeza. E imagino que também possa ser assim para as pessoas que estejam na plateia.



Da esquerda para a direita, Kika Kalache, Ana Beatriz Nogueira e Natalia Lage, em cena da peça 'Sra. Klein' — Foto: Lucio Luna/Divulgação

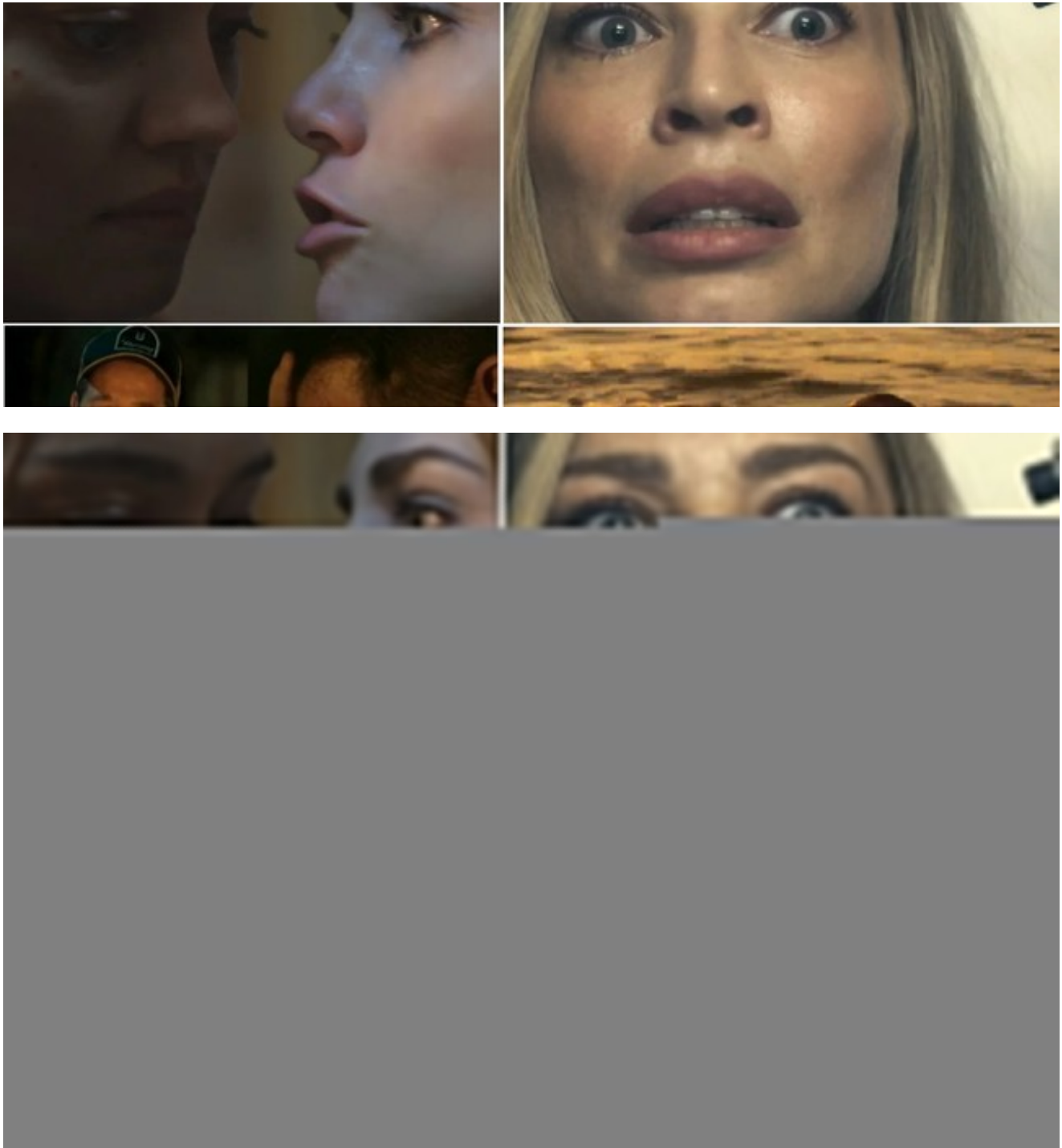
Há mais ou menos 20 anos, a artista teve a tal sensação de ser despertada (“Como se dissesse: ‘Opa, per aí, estava dormindo’”, brinca) após assistir a Nathalia Timberg numa montagem de “Sra. Klein”. À época, o diretor Eduardo Tolentino de Araújo havia chamado Ana Beatriz para integrar o elenco da peça sobre a psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960). A atriz só não aceitou o convite porque estava às voltas com as gravações da novela “Celebridade” (2003). Mas ela gostou tanto do que viu que, desde então, não tirou o espetáculo da cabeça. Devorou a autobiografia de Klein, leu uma série de obras a respeito da psicoterapeuta pós-freudiana... Até que, duas décadas depois, pôs-se, enfim, no desejado papel.

Perfil: Beto Bruel, mestre na arte de 'colorir as cenas', celebra 50 anos de carreira no teatro

Sob direção de Victor Garcia Peralta, que já havia levado o texto aos palcos, há 33 anos, na Argentina, a nova montagem com dramaturgia de Nicholas Wright apresenta um recorte ficcional na vida da mulher consagrada como mãe da psicanálise infantil. Ao longo de um dia primaveril em 1934, Melanie Klein trava um caloroso acerto de contas com a filha, a também psicanalista Melitta Klein (interpretada por Natália Lage), na companhia da jovem Paula (papel de Kika Kalache), psicanalista — sim, mais uma — tida como pupila da primeira. A morte do filho da protagonista, que usou a prole como cobaia na elaboração de suas teorias, acrescenta doses de mistério à história. Afinal, o que houve com o rapaz? A pergunta é uma sombra constante. Em contraste com o figurino realista, o cenário limpo — apenas 18 cadeiras sobre o chão neutro — indica implicitamente que a resposta deve ser destrinchada pelos espectadores, numa referência sutil à principal formulação de Melanie Klein: um terapeuta não é mais do que uma tela em branco, que deve ser pintada pelo paciente sem interrupções, ela sugeria.

— Cada um na plateia chega à sua conclusão — aponta Ana Beatriz. — Família disfuncional é um tema que não sai de moda. Há ali uma uma lavagem de roupa suja, mas também uma estrutura de suspense.

Embate de 'Todas as flores', tensão em 'Travessia'... As cenas mais marcantes de 2022



1 de 9

Cenas de 'Todas as flores', 'Travessia' e de 'Pantanal' estão entre as mais marcantes de 2022 — Foto: Reprodução/TV Globo



2 de 9

À altura das maldades que cometeu: Em “Pantanal”, Tenório (Murilo Benício) teve uma morte “daquelas”: num embate com Alcides (Juliano Cazarré), foi atingido por uma zagaia e levado pela sucuri para o rio

9 fotos



3 de 9

A participação de Grazi Massafera em “Travessia” foi breve, mas fez ferver as redes. A cena acima, dramática, antes da morte de sua personagem num acidente, rendeu elogios — Foto: Reprodução/TV Globo

4 de 9

O embate entre Maíra (Sophie Charlotte), Zoé (Regina Casé) e Vanessa (Letícia Colin) foi um grande momento de “Todas as flores”, de João Emanuel Carneiro. As atrizes brilham demais

X de 9

Publicidade

5 de 9

Uma das cenas finais de “Better call Saul”, esta, na cadeia, sublinhou com grande sutileza a profunda ligação de Jimmy (Bob Odenkirk) e Kim (Rhea Seehorn)

6 de 9

O encontro dos dois Velhos do Rio, Osmar Prado e Cláudio Marzo, ator morto em 2015, foi só um dos grandes momentos de “Pantanal”, novela que iluminou a televisão

X de 9

Publicidade

7 de 9

Em 'Além da ilusão', Antonio Calloni se entregou a uma tarefa complexa em “Além da ilusão”. Ele impressionou nas cenas em que seu personagem, Matias, sofria com delírios. É o caso desta imagem

8 de 9

Entre tantas sequências que movimentaram as redes, “Pantanal” teve esta, em que Levi (Leandro Lima) caiu no rio e acabou morrendo devorado por piranhas

X de 9

Publicidade

9 de 9

Merece a sua atenção a sequência de “The White Lotus” em que Tanya (Jennifer Coolidge), depois de levada a uma festa onde consome drogas, é seduzida por um golpista — Foto: Reprodução

Cenas de novelas e séries fizeram espectadores vibrarem nas redes sociais

A atriz entende bem do tema. Em narrativas para a TV, já deu vida a uma extensa lista de mães desequilibradas — de Ilana, de “Caminho das Índias” (2009), a Elenice, de “Um lugar ao sol” (2021). A artista lembra que os dois únicos exemplos de tipos mais “funcionais” em sua carreira — Clarice, de “Insensato coração” (2011), e Guiomar, de “Todas as flores” (2022) — morreram no meio da trama.

— O problema de fazer mães boas é que sempre me matam — ri a atriz de 56 anos, sem filhos. — Não penso a maternidade como possibilidade aberta atualmente. Vou fazer 57, né? Na verdade, não acho que deva viver de portas fechadas para nada. Não se sabe o que vai acontecer! Até uns 30 e tantos anos, dizia muito que queria ter filhos. Tinha isso na cachola. Depois, deixou de ser um plano. E aí o relógio biológico me deixou quieta.

Dependência química: Milhem Cortaz: ‘Fui para o inferno muito cedo, o que me amadureceu rápido’

Prestes a completar quatro décadas de carreira, Ana Beatriz tem a convicção de que está hoje no lugar certo. A vocação da artista é mesmo o palco ou os sets, a própria frisa. E aí de quem contestá-la. No último ano, três meses após se curar de um câncer no pulmão, a atriz — que, desde 2009, convive com uma forma branda de esclerose múltipla — convenceu médicos a deixarem que ela retornasse ao batente, em “Todas as flores”. O responsável por seu tratamento a orientou, à época, a esperar mais alguns meses. Mas Ana insistiu: “Se os senhor me liberar, veja bem, ficarei boa mais rápido”. Não deu outra.

— Nunca quis fazer outra coisa que não fosse atuar. Meu trabalho é ofício, vida, festa, afeto... É tudo! Não consigo nem fazer o exercício de imaginar o que poderia ser além de atriz — afirma. — E tenho dificuldade de ficar quieta, como dá para notar.